

Que morte é essa?

Tatiane Lurie Rodrigues Otuka
PUC - SP

Ana Laura Schliemann
PUC - SP

RESUMO

A medicina evoluiu significativamente, com ênfase na defesa da vida e prolongamento da existência, o que levou à criação dos Cuidados Paliativos em 1967. Estes visam manter a dignidade e a autonomia dos pacientes com doenças terminais, promovendo um cuidado humanizado. O estudo propõe avaliar a percepção de alunos de Medicina sobre terminalidade e Cuidados Paliativos, considerando a influência do ensino desses temas ao longo da graduação.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos, Terminalidade, Ensino Médico.

1 INTRODUÇÃO

A medicina evoluiu em um contexto de avanços tecnológicos que permitiram a cura e o tratamento de enfermidades que antes levavam os indivíduos à morte. Sendo assim, a formação do profissional médico se voltou à defesa da vida e à batalha contra a morte (Correia, Taveira, Marques, Chagas, Castro & Cavalcanti, 2020).

A defesa contra a morte levou os profissionais de saúde a adotarem medidas de suporte de vida que não alteram a evolução da doença, mas prolongam o curso da morte e interferem na qualidade de vida do doente (Toledo & Priolli, 2012).

A partir dessa observação, em 1967 surgiu o movimento Hospice, que buscou agregar o ensino e a pesquisa à assistência aos pacientes com doença terminal, o que levou a criação dos serviços em Cuidados Paliativos (Toledo & Prioli, 2012).

Os Cuidados Paliativos, se fundamenta em princípios que visam manter a dignidade humana, prezando pela autonomia e liberdade do paciente ao assegurar que seus desejos diante o seu estado de saúde serão preservados, além disso, permite que a prática médica se torne mais humanizada ao esclarecer a necessidade de manejo do sofrimento, mesmo em fim de vida e prevenir a distanásia (Pereira, Andrade & Theobald, 2022).

A partir disso, entende-se que os princípios dos cuidados paliativos deveriam estar em prática em todas as áreas da medicina, uma vez que diante do diagnóstico de uma doença, o sofrimento e a morte podem estar presentes e cabe ao médico oferecer um cuidado humanizado diante dessa situação. Logo, é necessário que esse ensino seja realizado durante a graduação (Pereira, Andrade & Theobald, 2022).



Com as mudanças realizadas na Diretriz Curricular Nacional, que regulamenta a grade curricular do curso de Medicina no país, algumas faculdades passaram a adotar o ensino de Cuidados Paliativos durante a graduação. Nesse contexto, diversas pesquisas foram feitas para avaliar a percepção dos estudantes sobre a atuação médica diante da terminalidade de vida (Meireles, Feitosa, Oliveira, Souza & Lobão, 2019).

Esses estudos mostram que apesar de os estudantes apresentarem conhecimento teórico acerca das práticas dos cuidados paliativos, eles ainda se sentem inseguros e despreparados para notificar a morte de um paciente e se revelam adeptos da obstinação terapêutica, além de apresentarem desconhecimento acerca dos termos “ortotanásia”, “eutanásia” e “distanásia” (Costa, Caldato & Furlaneto, 2019).

A proposta desse projeto de iniciação científica é reproduzir o trabalho realizado por Costa, Caldato & Furlaneto (2019) que avaliou a percepção de formandos de medicina sobre a terminalidade de vida.

2 OBJETIVO

A pesquisa tem como objetivo avaliar a percepção que alunos de uma faculdade de Medicina da cidade de São Paulo apresentam sobre os temas relacionados à terminalidade de vida e se o ensino em Cuidados Paliativos exerce alguma influência nessa visão ao longo de sua formação. Espera-se também, identificar se ao longo dos seis anos de graduação há uma mudança na visão e atitude que os estudantes apresentam diante da morte de um paciente.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e analítico com a aplicação do questionário elaborado por Costa, Caldato & e Furlaneto, utilizado na pesquisa original que inspirou este trabalho.

Esse questionário é composto por quatro partes: a primeira é composta por perguntas que visam caracterizar os participantes da pesquisa; a segunda, por cinco itens que avaliam as atitudes dos estudantes frente a aspectos de finitude; a terceira por nove perguntas que avalia o posicionamento dos médicos quanto à humanização da assistência em saúde e aos Cuidados Paliativos para pacientes terminais. A última parte é composta por três perguntas abertas que pede aos participantes responderem o que entendem sobre os termos “distanásia”, “ortotanásia” e “eutanásia”.

O levantamento de dados ocorreu entre novembro de 2023 e janeiro de 2024, com estudantes de medicina matriculados em diferentes anos de graduação. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas no CAAE: 73482623.6.0000.5373.

3 DESENVOLVIMENTO

O avanço da medicina aprimorou o tratamento de enfermidades, modificando o padrão de morbimortalidade da população, com aumento de doenças crônicas. Esse fenômeno tornou urgente interpretar adequadamente a condições de terminalidade da vida.

Nesse momento serão apresentados os dados parciais da coleta feita com 48 estudantes de medicina, entre novembro de 2023 e janeiro de 2024. Diferente do estudo original, que avaliou a percepção dos alunos do sexto ano do curso de medicina, esse estudo avaliou a percepção dos estudantes matriculados em diferentes anos, na tentativa de avaliar se o ensino em cuidados paliativos, interfere na visão que os alunos apresentam sobre o tema ao longo da sua formação.

É possível observar na Tabela 1 a identificação dos participantes:

Tabela 1. Caracterização dos participantes de acordo com ano que cursou em 2023, idade e gênero – Pesquisa “Que morte é essa?”.

Ano que cursou em 2023	Número de participantes	Idade	Gênero
1º ano	15% (7)	19 – 23	2 Sexo masculino 5 Sexo feminino
2º ano	17% (8)	19 – 23	1 sexo masculino 7 sexo feminino
3º ano	9% (4)	21 – 32	4 sexo feminino
4º ano	23% (11)	21 – 28	2 sexo masculino 9 sexo feminino
5º ano	21% (10)	23 – 30	2 sexo masculino 8 sexo feminino
6º ano	15% (7)	24 – 35	1 sexo masculino 6 sexo feminino

Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

Para avaliar o posicionamento dos estudantes sobre a humanização na assistência em saúde e os cuidados paliativos, foram feitas seis perguntas. A primeira era sobre oferecer suporte emocional aos pacientes que se encontram fora de possibilidade terapêutica, os 7 alunos do primeiro ano responderam “sim”. No segundo ano, 6 alunos responderam “sim” e, 2 responderam “não”. No terceiro ano, os 4 alunos responderam “sim”. No 4º ano 11 alunos responderam “sim”. No 5º ano 9 alunos responderam “sim” e 1 aluno respondeu “não”. No 6º ano, 7 alunos responderam “sim”.

A segunda questionava se os estudantes conversariam com o paciente terminal sobre o seu diagnóstico. Os resultados foram os seguintes: no primeiro ano, 6 alunos responderam “sim” e 1 aluno respondeu “não”. No segundo ano, 7 alunos responderam “sim” e 1 aluno respondeu “não”. Nos anos seguintes, foi unânime a resposta “sim”, sendo 4, 11, 10 e 7 participantes matriculados no terceiro, quarto, quinto e sexto ano, respectivamente.

A terceira pergunta era se os participantes esclareceriam para os pacientes fora de possibilidade terapêutica, quanto tempo eles viveriam. No primeiro ano, 6 alunos responderam “sim” e 1 aluno respondeu “não”. No segundo ano, 7 responderam “sim” e 1 respondeu “não”. No terceiro ano 3, responderam “sim”



e 1 respondeu “não”. No quarto ano, 8 responderam “sim” e 3, “não”. No quinto ano, 7 responderam “sim” e 3, “não”. No sexto ano, 5 responderam “sim” e 2, “não”.

Quando questionados se informariam o diagnóstico verdadeiro aos pacientes no caso de doença terminal, foi unânime a resposta “sim”.

Quando questionados os Cuidados Paliativos aumentarem a qualidade de vida dos pacientes, em todos os anos, todos os participantes responderam “sim”.

Na última pergunta, os alunos foram questionados se adotariam os Cuidados Paliativos para seus pacientes, e novamente, em todos os anos, a resposta de todos os participantes foi “sim”.

É possível observar que não há uma diferença significativa entre as respostas que os alunos iniciantes e alunos concluintes assinalaram. Além disso, quando comparadas as respostas obtidas por Costa e colaboradores em 2019, observa-se que nesse estudo, a grande maioria dos participantes também responderam “sim” às perguntas apresentadas. Nesse estudo, os autores destacam que esses dados revelam o avanço no ensino de competências na relação médico-paciente, especialmente quanto a terminalidade de vida, uma vez que esses assuntos têm sido debatidos pela sociedade, mesmo fora do ambiente acadêmico com maior frequência.

Sobre outros itens, que abordam discussão de prognóstico e obstinação terapêutica, as respostas foram variadas, assim como no estudo de Costa e colaboradores de 2019. O que pode sugerir, incerteza dos estudantes. Parte dessa incerteza é justificada pela maneira que a medicina evoluiu, com avanços na terapêutica que voltaram a prática médica inteiramente para cura, prolongando a vida e eliminando, supostamente, a morte.

Os estudantes foram questionados se a discussão aberta sobre questões de vida e morte não fere os pacientes nessa situação, e que, na realidade, eles gostam da franqueza. Todos os alunos do primeiro ano responderam “sim”. Os alunos do segundo, variaram nas respostas, 5 responderam “sim” e, 3 responderam “não”. No terceiro ano, 3 alunos responderam “sim” e, 1 respondeu “não”. No quarto ano, 9 alunos responderam “sim” e, 2 não. No quinto ano, todos os 10 alunos responderam “sim”. No sexto ano, 6 alunos responderam “sim” e 1 aluno respondeu “não”.

Ao serem questionados sobre usar aparelhos para prolongar a vida dos pacientes no primeiro ano, 6 pessoas responderam “sim”, e 1, “não”. No segundo, todas (8) disseram “sim”. No terceiro ano, 3 disseram “sim” e 1, “não”. No quarto ano, 5 pessoas disseram “sim” e 7, “não”. No quinto ano 3 disseram “sim”, e 7, “não”. Por último, no sexto ano todos (6) disseram “não”. Nessa pergunta é interessante notar como há uma mudança no padrão de respostas entre os alunos que estão no início da formação dos que estão no final.

Quando questionados sobre as tecnologias serem um complicador na humanização dos pacientes, no primeiro ano, 4 alunos responderam “sim” e 3, “não”. No segundo ano, 5 alunos responderam “sim” e 3, “não”. No terceiro ano, todos os alunos (4) responderam “não”. No quarto ano, 8 alunos responderam “sim”



e 3, “não”. No quinto ano, 6 alunos responderam “sim” e, 4 “não”. No sexto ano, 5 alunos responderam “sim” e, 2 “não”.

Em uma terceira parte do estudo, foram utilizadas nove perguntas, que surgiram de uma pesquisa em Bauru, realizada por Oliveira e Colaboradores em 2011, cujo objetivo era avaliar o posicionamento dos médicos quanto à humanização da assistência em saúde e aos Cuidados Paliativos. É um instrumento que obedece ao modelo de escalas de atitude do tipo “likert”, com cinco opções de resposta.

É importante destacar, que os estudantes de todos os anos assinalaram dificuldade na comunicação da morte, sendo que 42,9% dos estudantes do sexto ano, relatavam dificuldades nessa aptidão.

Os dados obtidos são similares a pesquisa de Costa e colaboradores, que identificou que mais de um terço dos participantes relatava dificuldades nessa aptidão. Para os autores, isso poderia estar relacionado à negatividade, ao medo e ao tabu que envolvem a morte, que a transforma em algo indesejável e em um assunto a ser evitado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cuidados paliativos ensinam os futuros médicos a se conectarem emocionalmente com os pacientes e suas famílias, promovendo uma prática médica mais humanizada. O cuidado vai além da doença, envolvendo o ser humano em sua totalidade. Os estudantes precisam valorizar a comunicação com o paciente e seus familiares, ouvindo suas preocupações, medos e desejos, o que é crucial para proporcionar um cuidado que respeite a individualidade de cada paciente. Precisam também, estarem preparados para comunicar notícias difíceis com sensibilidade, respeitando o tempo e as reações dos pacientes e de seus familiares, assim como incluir os pacientes e suas famílias nas decisões sobre o tratamento, respeitando sua autonomia e desejos.

Sendo assim, este estudo permitiu concluir que o ensino em Cuidados Paliativos cumpre com alguns de seus objetivos, ao ensinar os alunos a necessidade do respeito à dignidade e autonomia do paciente, além de ensinar que a obstinação terapêutica não é uma conduta adequada. Entretanto nota-se que a morte de um paciente ainda é um tabu para a área da saúde, sendo necessário abordar mais esse assunto a fim de promover uma visão diferente sobre o tema.



REFERÊNCIAS

- COLARES, M. D. F. A. et al. Construção de um instrumento para avaliação das atitudes de estudantes de medicina frente a aspectos relevantes da prática médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 26, n. 3, p. 194–203, 2002. DOI: 10.1590/1981-5271v26.3-007.
- COSTA, T. N. M.; CALDATO, M. C. F.; FURLANETO, I. P. Percepção de formandos de medicina sobre a terminalidade da vida. *Revista Bioética*, v. 27, n. 4, p. 661–673, 2019. DOI: 10.1590/1983-80422019274349.
- KANASHIRO, A. C. D. S.; GRANDINI, R. I. C. M.; GUIRRO, Ú. B. D. P. Cuidados paliativos e o ensino médico mediado por tecnologias: Avaliação da aquisição de competências. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 45, n. 4, p. e199, 2021. DOI: 10.1590/1981-5271v45.4-20210254.
- MEIRELES, M. A. D. C. et al. Percepção da morte para médicos e alunos de medicina. *Revista Bioética*, v. 27, n. 3, p. 500–509, 2019. DOI: 10.1590/1983-80422019273334.
- OLIVEIRA, F. T.; FLÁVIO, D. A.; MARENGO, M. O.; SILVA, R. H. A. da. Bioética e humanização na fase final da vida: Visão de médicos.
- PEREIRA, L. M. et al. Cuidados paliativos: Desafios para o ensino em saúde. *Revista Bioética*, v. 30, n. 1, p. 149–161, 2022. DOI: 10.1590/1983-80422022301515pt.
- TOLEDO, A. P. D.; PRIOLLI, D. G. Cuidados no fim da vida: O ensino médico no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 36, n. 1, p. 109–117, 2012. DOI: 10.1590/S0100-55022012000100015.